

ERICO VERISSIMO E JOSÉ LINS DO REGO: HISTÓRIA SOCIAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS NATOS

Fabricio Santos da COSTA*

- **RESUMO:** O artigo apresenta os resultados da investigação sobre as trajetórias sociais comparadas dos escritores José Lins do Rego e Érico Veríssimo. Com perfis sociais semelhantes no que concerne à origem oligárquica, os romancistas se aproximam da mesma maneira pela ameaça de declínio de suas posições sociais, como consequência das transformações históricas da estrutura social em seu conjunto. Disso resultaram diferentes estratégias de reconversão para outras atividades profissionais. Concorreram para o sucesso de tais reconversões uma conjunção de transformações nas esferas políticas e culturais, de uma lado, e a posse de recursos sociais e culturais que viabilizaram a transformação de suas memórias autobiográficas em matéria literária, de outro lado.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Trajetória social. Romancistas. Reconversão.

Política e cultura em 1930

Momento decisivo na história do Brasil, a revolução de 1930 desencadeou importantes consequências para a cultura brasileira. Enquanto centro de força, o novo governo entronizado reuniu um conjunto de condições que tornaram possível a assimilação e a reconfiguração de uma série de elementos culturais que se encontravam difusos e restritos aos domínios regionais, até aquele momento. Além de funcionarem como eixo de integração, as transformações em curso engendraram os meios para a realização, difusão e normalização das potencialidades culturais geradas no decênio de 1920 (CANDIDO, 1989).

O conjunto de mudanças culturais trazidas no bojo da revolução associa-se a uma nova correlação entre os intelectuais e os artistas, de um lado, e a sociedade e o Estado, de outro, que por sua vez se redefiniram a partir das novas condições socioeconômicas. Tais correlações, entretanto, foram marcadas pelas mais variadas formas e modos de imbricações entre a cultura e a política, que vão desde a redução

* UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, RS – Brasil. 15002 – 91501-970 – fcost1@hotmail.com

Artigo recebido em 30/06/2013 e aprovado em 20/10/2013.

das diferentes modalidades culturais a meros instrumentos das lutas político-ideológicas, passando por obras de fôlego, que, salvaguardadas relativamente do fogo cruzado ideológico, lograram uma maior durabilidade e significação, até, em alguns casos, uma espécie de divisão de papéis no mesmo intelectual, que se expressam em suas obras na tensão entre aquilo que é feito artístico ou literário e aquilo que é pedagógico político.

O alcance das alterações no domínio cultural e suas correlatas injunções políticas e ideológicas realizaram-se em variados domínios: instrução pública, vida artística e intelectual, estudos históricos e sociais e as instâncias de difusão e circulação cultural, como o livro e o rádio.

A esfera educacional ilustra bem o quadro de então. Por exemplo, reformas de magnitude locais, como as de Sampaio Dória, em São Paulo, em 1920, Lourenço Filho, no Ceará, em 1924, a de Francisco Campos, em Minas, 1927, e a de Fernando de Azevedo, no então Distrito Federal, no ano de 1928, só encontraram condições para sua extensão com o movimento revolucionário de 30¹. Estas reformas, inspiradas nas ideias da “escola nova”, estavam unidas pelo comum esforço de renovação pedagógica e tinham por objetivo maior formar o cidadão. Uma das consequências dessa postura foi o choque com as orientações pedagógicas da Igreja, guiadas predominantemente para a formação do fiel e fundamentadas nos dogmas religiosos. Em 1930, o governo provisório criou o Ministério de Educação e Saúde, com Francisco Campos sendo designado ao posto diretivo. Em posse dessas novas condições institucionais, o reformador de Minas vai promover políticas contínuas inspiradas nas experiências “escola-novistas”, agora em escala nacional (FAUSTO, 1979). Disso resultaram significativas mudanças no âmbito educacional, com aumento das escolas de nível médio e técnico, bem como de ensino superior: universidades foram criadas, a exemplo da USP, outras se constituíram como resultado da junção de unidades dispersas. Do ponto de vista organizacional, algumas unidades de ensino e pesquisa se distinguiram, redefinindo as relações de força com as “grandes escolas” anteriormente hegemônicas.

Essas alterações também foram observadas no âmbito artístico e literário. A relação entre a política e a arte da época é expressa, por exemplo, na contratação de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer pelo então ministro, Gustavo Capanema, para a realização do projeto do edifício do Ministério de Educação e Saúde – o mesmo edifício em que o pintor modernista Cândido Portinari viria a realizar a pintura de seus murais. Digna de nota é essa articulação, no âmbito da arquitetura, entre o modernismo artístico e sua consagração oficial². No terreno literário, de especial

¹ A respeito das principais figuras do movimento favoráveis a reforma de ensino em São Paulo, consultar Azevedo (1973).

² Sobre o assunto, ver Miceli (1996).

interesse para o nosso propósito, há a intensificação e generalização de algumas conquistas dos anos 20. É o que se passa com a incorporação de novas temáticas e inovações formais, enfraquecimento da literatura acadêmica, polarização ideológica e referências literárias nos âmbitos nacionais. A literatura que passou a ser desbancada nos decênios de 20 e 30 caracterizava-se pelo purismo gramatical e o alheamento às referências nacionais, o que a adequava perfeitamente às demandas oficiais e à ideologia de permanência que vigorava na República Velha. Na poesia, a mudança se faz sensível, com a introdução do verso livre e a consolidação e difusão da poética modernista. Um dado central associado às condições específicas que emergiram no decênio de 1930 foi a multiplicação da literatura regionalista e a sua mutação em modos expressivos cuja significação e âmbito extrapolavam a esfera regional. Outro aspecto bastante marcante para o período foi o estreitamento entre ideologias políticas e religiosas e a literatura, resultado do movimento de 30 e suas diferentes missões, assim como o que ocorria de maneira aproximada na Europa. Trata-se de um fato sociologicamente pertinente, pois, ainda que determinados autores não tivessem uma consciência clara dos elementos ideológicos que perpassavam suas escolhas formais, muitas das preocupações sociais e religiosas do momento se faziam presentes em seus textos (CANDIDO, 1989).

No campo do catolicismo, com sua reorganização política e institucional, a fé se revigorava, gerando efeitos no terreno estético. Os resultados vão aparecer de maneira difusa em autores como: Otávio de Faria, Lúcio Cardoso e Cornélio Pena, na ficção; e Jorge de Lima, Murilo Mendes, até o primeiro Vinicius de Moraes, na poesia, para lembrar os autores mais destacados. No limite, as articulações entre “ideologia” católica, literatura e política amalgamaram-se e influíram em tomadas de posição de cunho fascista, como no integralismo de Plínio Salgado.

Em posição antagônica, grande foi o interesse pelas correntes de esquerda. No plano da organização política, destaca-se a Aliança Nacional Libertadora, que conquistara grande mobilização à época. Também datam do período os primeiros livros de cunho marxista, sendo exemplar a obra *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Júnior, publicada em 1934. Semelhante ao poder de difusão e influência alcançado pelo catolicismo, o ideário marxista fez-se presente em amplos setores sociais. Daí por que muitos escritores, não sendo propriamente marxistas, se alinharam a posições de esquerda. Da mesma forma, tais ideias forneceram instrumentos de crítica ao sistema social dominante, contribuindo para a circulação de noções como “mais valia”, “moral burguesa”, “proletariado”, dentre outras (CANDIDO, 1989, p.189). Dos escritores que se filiaram a tal perspectiva, podemos citar: Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiróz, Dyonélio Machado, etc.

Os processos de permeação, por assim dizer, das posturas ideológicas nas produções culturais da época, deram-se também num sentido geral de atitude de análise e crítica diante da realidade brasileira. A atitude vai estar no centro da produção

dos estudos sobre o Brasil das ciências sociais em vias de institucionalização, em que se viu surgirem os primeiros ensaios sobre a sociedade brasileira, espelhando uma concepção moderna de ciências sociais.³ Estas gradativamente passaram a ocupar um lugar de destaque nas orientações de uma sociedade com pretensões de modernização, o que teve, por certo, consequências para a posição que a literatura passou a ocupar no âmbito da cultura, e mesmo das apropriações que a literatura fez das ciências com vistas à manutenção de sua legitimidade (JACKSON, 2001).

Datam dessa época, por exemplo, os estudos “clássicos” de autores que se preocuparam com a questão “formativa” do Brasil. Ainda que com distintas perspectivas e consequências políticas, suas análises aproximavam-se pelo forte teor analítico e crítico com que adentravam a realidade nacional. É o caso dos trabalhos de Gilberto Freire, com a obra *Casa grande e senzala*, publicado em 1933, de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, de 1936, e Caio Prado Júnior, com a *Formação do Brasil contemporâneo*, em 1942.

As transformações que se operaram nos setores da educação, literatura e estudos brasileiros tiveram importante impacto na indústria do livro, passando a pautar as matérias preferenciais de sua publicação, bem como tiveram consequências quanto aos gêneros de publicação que orientavam a escolha das editoras, com destaque justamente para o “romance social” e os estudos brasileiros. Outra consequência importante das transformações culturais no mercado do livro foi a necessidade de estruturação das editoras em moldes modernos e ajustados às exigências de produção cultural em escala cada vez maior e mais diversificada. O fato alterou a concepção de trabalho intelectual, progressivamente introduzida, em vistas de uma crescente especialização das tarefas e profissionalização desse tipo de trabalho. A situação também possibilitou o recrutamento de outras categorias de produtores, com perfis sociais e capitais culturais diferenciados, geralmente jovens, ou outras características sociologicamente pertinentes. Antonio Candido (1989, p.191) observa que as editoras eram “cada vez mais receptivas aos autores novos integrados na tendência do momento”. Por outro lado, com as transformações no mercado do livro, foram reforçadas essas tendências “[...] na medida em que os autores procuravam se ajustar à preferência da moda e dos editores” (CANDIDO, 1989, p.191). As estratégias adotadas pelos novos postulantes à carreiras intelectuais passavam, entretanto, não somente pelo ajustamento à “preferência da moda”, como também pela mobilização da rede de relações sociais que possuíam, assim como de disposições culturais e de um tipo de experiência social que lhes possibilitaria responder a contento as novas demandas.

³ Embora *Os sertões*, de Euclides da Cunha, seja um livro precursor que ultrapassa o âmbito estritamente literário e a geração modernista tenha se inspirado em temas nacionalistas, é apenas na década de 1930 que ocorre o florescimento de obras específicas de análise sobre a realidade nacional. Para detalhes, ver Trindade (1974).

O mercado do livro e os escritores

A ampliação do contingente de leitores exerceu importante influência na orientação da escolha dos gêneros a serem publicados nos decênios de 20 e 30. O público leitor que surge nesse contexto é recrutado, em grande medida, nos setores médios, em processo de diferenciação e expansão. Uma das consequências desse fato foi o aumento pela procura de obras de entretenimento. Dentre os gêneros mais solicitados, destacava-se a literatura de ficção e, nessa categoria, os romances de amor, as histórias policiais e os livros de aventuras, gêneros que acabaram por se firmar do ponto de vista comercial. A emergência do público leitor associa-se, no período, às transformações ocorridas na hierarquia das ocupações do setor terciário nos principais centros urbanos, sobretudo com a criação e aumento de postos técnicos e de gestão nos setores públicos e privados, bem como a ampliação do volume de detentores de diplomas superiores vinculados às profissões liberais. No que diz respeito à formação do leitor (a), sobressai o prolongamento da escolaridade das mulheres, a redefinição dos papéis masculinos e femininos nas carreiras e ocupações associadas à divisão do trabalho pedagógico que, por certo, contribuíram para a formação do público leitor demandante e alvo da produção da literatura de ficção, em ascensão na época⁴.

Também datam do período algumas transformações no âmbito do sistema de ensino que afetaram de maneira decisiva o panorama das produções culturais na esfera editorial. São criadas nesse momento as primeiras faculdades de filosofia, educação, ciências e letras, abrem-se novos cursos superiores, há a introdução de novas disciplinas com a reforma curricular, dentre outros impulsos na área educacional. As acirradas disputas pela definição do tipo de educação a ser adotada pelo Estado e a legitimação das posições ocupadas pelos defensores dessas correntes se reflete na vasta quantidade de obras pedagógicas produzidas no período.

Segundo Sergio Miceli (1979), a ascensão do romance enquanto gênero literário digno de investimentos surge justamente nesse momento no qual o mercado do livro se firma com base na literatura de ficção, pois, até então, seja na geração de 1870, seja entre os intelectuais “anatolianos”⁵ da República Velha, e mesmo entre os modernistas, o gênero era visto como secundário, não obstante algumas ilustres exceções, que, aliás, fixaram o modelo de excelência, como é o caso de Machado de Assis, mas que são explicáveis antes por razões sociológicas do que pelos padrões de legitimidade que orientavam as escolhas no campo literário.

À medida que se configurava um mercado do livro, apesar de flagrantes limitações, também progressivamente foram engendrando-se as exigências para

⁴ Sobre o as transformações na estrutura das ocupações e a importância da mulher no surgimento do romance, consultar Watt (1990).

⁵ Ver também Miceli (1977).

a formação de um corpo de produtores especializados nas tarefas de prover um tipo de bem simbólico que exprimisse as transformações em curso da época e que respondessem às demandas crescentes pela literatura de ficção. Do ponto de vista do perfil social dos escritores que investiram nesse gênero, Sergio Miceli (1979), observa que em sua maioria eram letrados oriundos das províncias – e que, portanto, estavam afastados dos grandes centros intelectuais e literários do país. Tratava-se de autodidatas que, com as transformações na correlação de forças no mercado cultural internacional, haviam se familiarizado com as novas formas narrativas – as quais os marcariam duradouramente –, porém não dispunham dos recursos e meios técnicos para se lançarem no investimento daqueles gêneros com maior prestígio à época (a poesia e a crítica literária), ficando, portanto, impossibilitados de seguir seus modelos de excelência intelectual local.

Considerando que naquele momento vivia-se um processo de intensa concorrência ideológica e intelectual entre as diversas organizações políticas, o romance acabou por converter-se em decisivo instrumento das lutas pela imposição da interpretação legítima da realidade social para o público emergente. As posições ideológicas da época se centravam fundamentalmente no antagonismo entre esquerda e direita, posições que, expressas nos seus partidos literários e críticos, tendiam a uma rotulação, conforme seus pressupostos ideológicos. Assim, os grupos de esquerda classificavam os romancistas com alguma proximidade junto à Igreja de “romances introspectivos”, e os críticos identificados com a Igreja rotulavam os romances de esquerda como “romances políticos”, ou seja, como romances que visavam à conversão do “leigo”.

Grande parte dos romancistas que surgiram nesse momento eram oriundos de famílias proprietárias no meio rural, mas que se encontravam em situação de franco declínio material. Geralmente tiveram trajetórias escolares bastante precárias, muitas interrompidas antes de ingressar numa faculdade, embora compensassem tal lacuna com uma formação autodidata, que se mostrava tanto mais importante quanto mais distante situavam-se dos principais centros de produção cultural. Muitos desses romancistas iniciaram suas produções em situação de relativa autonomia frente às demandas políticas, vindo a firmarem-se no campo intelectual como resultado dos vereditos positivos do mercado em termos de vendagem, premiações, tiragens, etc.

Além do avanço da falência material, tiveram de enfrentar situações bastante penosas que vedavam a possibilidade de herdar a posição social paterna, seja devido à separação dos pais, falecimento paterno, ou ainda, nos casos de serem filhos caçulas de uma prole numerosa. O conjunto dessas determinações sociais produziu seu efeito mais duro em conjunturas de intensa feminização, decretando o afastamento dos futuros romancistas do espaço da classe dirigente onde poderiam mobilizar o capital de relações sociais que os direcionaria a ocupações “socialmente definidas como masculinas” (MICELI, 1979, p.96). A consequência disso foi que a experiência

do declínio esteve no princípio da diversidade de situações sociais “degradantes”, mas que no seu reverso possibilitou o conhecimento da variedade de posições que constitui o universo da classe dirigente. Isto porque a situação em falso dos “parentes pobres” possibilitou uma rotatividade entre as posições subalternas do espaço da classe dirigente. O risco eminente da queda social articulado a esses deslocamentos constantes tendeu a enfraquecer os laços que vinculavam os “parentes pobres” à sua classe de origem. Do ponto de vista intelectual, isso terá importantes implicações no modo como tais escritores passariam a apreender o mundo social.

A experiência da perda de poder, à qual se encontraram sujeitados os membros dessas famílias empobrecidas, estaria na raiz, por consequência, não apenas de um distanciamento crítico com que encaravam sua classe, mas também da possível tomada de consciência da heterogeneidade de interesses e dos móveis em disputa de sua classe de origem. É justamente aí que reside a condição de possibilidade de objetivar as relações de sentido e de força entre os grupos sociais. Sem tal experiência seria impossível àqueles que possuíam uma posição estável na hierarquia social vivenciar, nem mesmo no plano simbólico, a situação de classe dominada.

Em síntese, a objetividade necessária à reconstrução simbólica do mundo social através do romance concretizou-se à custa da dramática experiência de declínio social pela qual passaram alguns romancistas do período, que viabilizou a familiarização com outros pontos de vista sem se desvencilhar totalmente de seu grupo de origem, num jogo de aproximação e distanciamento crítico. Dentre os romancistas que atuaram nesse contexto destacamos José Lins do Rego e Erico Verissimo.

José Lins do Rego

José Lins do Rego nasceu no ano de 1902, no Engenho Corredor, município de Pilar, Estado da Paraíba. Descendente de senhores de engenho nas linhagens tanto paterna quanto materna, tem seu destino social reorientado em razão do falecimento de sua mãe e do encaminhamento que seu pai faz do futuro romancista aos cuidados da família do sogro. Durante a infância, praticamente não teve contato com o pai ou com os familiares do lado paterno. Sua criação ficou a cargo de duas irmãs mais moças de sua mãe, que, no entanto, essas “mães” substitutas foram sendo perdidas na medida em que se casavam e abandonavam o engenho do avô. A principal referência masculina e paternal coube a seu avô, um proprietário de dez engenhos numa das regiões mais férteis da Paraíba, responsável por uma prole numerosa de seis filhas do casamento religioso, além de outros filhos naturais. O patriarca, com os dotes de suas filhas reconstrói uma rede de genros formados em Direito, fiéis ao chefe da família, que tiveram suas carreiras direcionadas e partilhadas entre as atividades políticas de deputado, de magistrados nos tribunais civis e nas ocupações de senhores de engenho,

quando sucediam o sogro. Resultou dessa experiência da efemeridade da relação com suas mães substitutas, destinadas ao casamento, a compreensão de José Lins do Rego de sua própria transitoriedade de vínculos com o engenho, e que o futuro lhe reservava a necessária partida. Sua destinação, num primeiro momento, eram os estudos num internato da capital, itinerário típico dos filhos dos grandes proprietários rurais, para num segundo momento, ingressar no curso superior da Faculdade de Direito de Recife e, de posse do título, encontrar uma carreira nos emergentes postos públicos resultantes da acelerada expansão do Estado. Concluída sua formação no ano de 1923, casa-se com a filha de um rico senhor de engenho e senador pela Paraíba, que por sua vez, mobiliza todo o seu prestígio e influência para a obtenção de um cargo com alta remuneração para o genro. Sobre sua relação com esse cargo, afirma Afrânio Garcia Jr (2011, p.35):

O escritor sempre vivenciou esta ocupação como uma sinecura, uma espécie de fonte de renda suplementar, de que a classe dos senhores de engenho dispunha, para além dos limites de seus imensos patrimônios fundiários, graças à expansão do estado patrimonial, desprezando o fato de nunca ter preenchido uma guia de infração de não pagamento de impostos. A nobreza da função de escritor dissimulava a insuficiência do servidor público.

Dadas estas condições, a profissão de escritor permitiu que José Lins do Rego de certa maneira mantivesse um vínculo com o mundo das plantações, tornando possível também a reconstrução desse universo original, ainda que num plano simbólico.

Os primeiros contatos com os círculos literários datam do período que frequentava a Faculdade de Direito. Nesses espaços de sociabilidade conheceu, no ano de 1923, José Américo de Almeida e travou seus primeiros contatos com Gilberto Freyre, que havia recentemente regressado dos Estados Unidos, após ter concluído o curso de Ciências Sociais. Segundo os apontamentos de José Lins do Rego, Gilberto Freyre exerceu decisiva influência sobre o seu projeto de reconstruir as tradições das antigas famílias de senhores de engenho.

Tais influências podem se reconhecer na abordagem que o escritor realiza do tema central de *Casa-grande e Senzala*, em seu romance *Menino de Engenho*. Ou seja, para ambos, o interesse principal consiste em analisar a especificidade do patriarcalismo escravagista e polígamo como matriz social da mestiçagem brasileira, processo que está na raiz da unificação do conjunto de indivíduos desse universo, mas que simultaneamente hierarquiza cada um segundo a cor da pele. Gilberto Freyre, a par de modelos explicativos de cunho culturalista recém-importados dos Estados Unidos, deslocou os debates intelectuais centrados na natureza biológica do povo para os modos de constituição histórica e cultural da coletividade nacional, ao demonstrar que a mestiçagem se inscrevia na tradição

imposta pela colonização portuguesa. Ocorre, porém, que, como se observa já na primazia de um dos termos do próprio título do livro *Casa-grande e Senzala*, há uma hierarquia que preside a mestiçagem. Há uma diferenciação no tratamento dispensado a essa hierarquização, entretanto, pois, enquanto Freyre usa de meias palavras para referi-la, José Lins do Rego a verbaliza por completo no conjunto de seus romances (GARCIA JR., 2011).

José Lins do Rego, no ano de 1929, realiza algumas tentativas de publicação de *Menino de Engenho* junto a algumas editoras. Diante das recusas, decide, em 1932, publicar às próprias custas o romance, na cidade de Recife. O sucesso imediato do romance chamou a atenção de José Olympio, que à época recentemente havia se instalado no Rio de Janeiro, visando desenvolver a atividade editorial (SORÁ, 2010). Em 1934, é feita a proposta de editar o romance, com uma tiragem de quatro mil exemplares, com uma antecipação de pagamento dos direitos autorais. O editor, sensível à demanda nascente, lança mão das classificações “romances do nordeste” ou “ciclo da cana de açúcar” enquanto estratégia editorial, o que resultou na própria orientação do projeto literário do jovem escritor. Com o sucesso na venda de seus livros, José Lins do Rego passou progressivamente a ter nos seus escritos sua principal atividade, fixando-se no Rio de Janeiro, em 1935. De 1932 a 1939, um novo romance era publicado a cada ano, além da reedição dos anteriores, numa produção ininterrupta. Em 1943 é publicado *Fogo Morto*, livro que veio a ser consagrado como a obra-prima do escritor paraibano.

Há uma conjunção de fatores que concorreram para o sucesso literário do escritor, bem como para o seu êxito na reconversão para a atividade de escritor. Em primeiro lugar, os romances de José Lins do Rego, pautados pelo mundo rural, vão encontrar na capital uma recepção bastante favorável, que se revelam no número de reedições de seus livros e nas apreciações positivas da imprensa do Rio de Janeiro. A acolhida quantitativamente significativa vincula-se ao incremento do número de leitores que se constituía à época. Na composição desse público leitor, uma fração importante advinha das próprias famílias de proprietários rurais, que, ameaçadas de declínio, adotaram uma estratégia de um maior investimento na escolarização das novas gerações, habilitando, assim, seus descendentes a ocuparem as novas carreiras de substituição do mundo urbano. Os novos leitores, com perfil social e cultural que, em certo sentido, se aproximavam com o do escritor – pois, além da origem comum, por ocasião de seus estudos, haviam frequentado o mundo urbano –, foram muito receptivos aos romances que tratavam de temas e problemas que lhes eram familiares, numa linguagem que também era recorrente em seus usos cotidianos.

Em segundo lugar, da perspectiva dos editores, com a crise internacional de 1930 aumentaram os obstáculos para a importação de livros da Europa, situação que levou alguns editores a ampliarem a oferta de livros editados no Brasil, num

processo parcial de “substituição de importações”. Em seu exame sobre a José Olympio, uma das principais editoras do período, Gustavo Sorá (2010) demonstra que é justamente nesta conjuntura que ocorrerá uma diferenciação entre a função do livreiro e as atividades editoriais, possibilitando uma progressiva profissionalização do escritor e do editor. Assim, a escolha das editoras por escritores nacionais e pela literatura regionalista se pautou tanto por motivações comerciais, quanto por questões relacionadas ao papel ou missão do patronato do livro. Resultou dessa situação que o romance circunscrito às plantações do Nordeste logrou uma consagração nacional ao ser publicado pelas editoras da capital. O interesse pela literatura regionalista, por outro lado, se inscreve num contexto mais geral de transformações políticas no Brasil daquele momento.

Deflagrada a Revolução de 30, as elites políticas de São Paulo se veem afastadas dos centros de decisões do poder federal, em benefício das elites regionais de segundo plano, articuladas aos jovens oficiais do Exército. Os esforços dos novos dirigentes, com Getúlio Vargas à frente, se orientaram no sentido de reformar as instituições republicanas, visando com isso à diminuição da influência das elites de São Paulo, vinculadas à economia do café. Dadas essas circunstâncias, a literatura regionalista, ao empreender um esforço de ampliação da definição do nacional, com a incorporação de aspectos da vida rural até então marginalizados, ia ao encontro dos interesses dos novos grupos dirigentes.

Com a implementação das reformas de Estado, a partir de 1930, objetivava-se uma ampliação do campo de ação da União, reduzindo, assim, a fragmentação administrativa, resultante da monopolização de instituições e prerrogativas atribuídas aos Estados Federados. Nesse processo de centralização do poder federal, portanto, havia uma propensão à consideração de realidades sociais de Estados da Federação desvinculados dos interesses das políticas econômicas de valorização e exportação do café. Nesse sentido, como assinala Afrânio Garcia Jr (2011), com a ampliação do recrutamento das elites políticas nacionais também se ampliaram os temas e configurações sociais abordados pela literatura.

Com suas formulações literárias, José Lins do Rego buscara objetivar as engrenagens do universo social que inevitavelmente tivera que abandonar, mundo social, rememorado como um universo de proteção e simultaneamente como de extrema violência. Ao fazê-lo, o romancista enuncia precisamente a pesada herança do passado, esclarecendo dessa forma os desafios para o Brasil, em seu princípio de industrialização e unificação cultural. Por outro lado, ao tomar suas lembranças como matéria literária, o escritor fez de seus romances um decisivo instrumento de suas próprias estratégias de reconversão para uma nova atividade, logrando, ao mesmo tempo, o reconhecimento literário na capital do país.

Erico Verissimo

O caso de Erico Verissimo desvela o peso da situação de declínio na trajetória social de um romancista. Em relação a sua formação escolar, Erico se viu obrigado a largar os estudos em decorrência da separação dos pais e da conseqüente necessidade de obter um emprego para prover o próprio sustento. Em sua trajetória ocupacional, o romancista tentou sem sucesso adaptar-se a uma série de atividades para as quais, entretanto, afirmava não possuir vocação:

Do armazém passei para uma casa bancária, onde me entregaram um livrão de controle geral [...] fui mais tarde promovido a chefe da Carteira de Descontos [...]. De bancário passei a boticário, sem menos vocação para o comércio e saber sequer dosar papéis de calomelanos [...]. Nos quatro anos e pico em que durou a minha aventura farmacêutica, lá de vez em quando reunia uns cobres, tomava o trem e ia passar uns dias em Porto Alegre [...]. Em 1930, a farmácia foi à bancarrota [...]. Estava falido, sem vintém no bolso, sem profissão certa... e noivo [...] (VERISSIMO, 2011, p.20-21).

Não obstante a aparente semelhança entre a trajetória social do escritor gaúcho em relação aos “romancistas de 30”, Coradini (2007) observa que Erico Verissimo não se enquadra na classificação feita por Miceli de “primo pobre” das classes dominantes tradicionais, uma vez que se trata de um caso exemplar da complexidade entre as condições sociais de origem, o *ethos* que lhe corresponde e o destino social, na determinação de suas posições intelectuais ou políticas. Segundo o autor, no caso de Erico, a série de rupturas e negação de suas origens sociais constitui-se experiência decisiva para compreensão de sua carreira e produção literária, bem como de suas concepções sociais e políticas. Na base dessas discontinuidades estaria a “elaboração de um sistema de apreciação” que o distanciaria da adesão imediata às suas origens – fator fundamental para sua reconversão – além da possibilidade de reinterpretação das condições sociais de origem a partir de códigos diversos (CORADINI, 2007, p.426). Além disso, o sucesso literário obtido pelo escritor possibilitou-lhe uma autonomia relativa das concepções políticas e culturais dominantes, situação que o singularizou frente a sua geração, uma vez que lhe permitiu manter uma carreira exclusiva como escritor.

Em sua análise, Coradini (2007) pondera que, além da dimensão da posição ou condição e recursos, é preciso levar em consideração a relação entre a origem social, a trajetória do conjunto do grupo familiar e o universo social em que se inscrevem essas relações. Ou seja, opondo-se a ênfase da determinação econômica implicada nas categorias de “fazendeiros” ou fração da classe dominante em decadência, o analista chama a atenção para o que está em questão: um *ethos* e um estilo de vida baseados no capital social, político e cultural. Assim, apesar

da decadência econômica, ênfase da análise de Miceli, o grupo familiar de Erico Verissimo se distinguia pela inserção em um universo social específico, que lhe conferia o controle do capital de relações sociais e de cargos político-administrativos e militares. Entretanto, ocorreu que o grupo familiar de origem sofreu uma série de crises, relacionadas com as derrotas nas lutas de facções locais e a perda de favores e cargos políticos, sem, contudo, conseguir a reconversão para outros estilos de vida e atividades econômicas, agravadas pela coincidência da ascensão dos imigrantes italianos e alemães.

Resultou dessa situação que, no caso de reconversões para outros estilos de vida ou atividades econômicas, tanto maior seria a amplitude e, por consequência, tanto maior seria a distância em relação à origem e o provável destino social de classe (CORADINI, 2007). Por outro lado, essas mesmas condições de origem são fundamentais para compreensão do acesso à carreira, cultura e política. A sucessão de experiências negativas tais como a fragmentação familiar, a formação escolar interrompida e o fracasso nos primeiros negócios, de um lado, o autodidatismo e a iniciação na literatura, de outro, se encontrariam, dessa forma, no princípio de uma espécie de “fuga” do universo social em que estava inserido Erico.

Desse modo, é da conjugação dessa experiência singular de origem com a carreira bem sucedida de escritor que se compreende a postura mais ética e de menor adesão imediata à política. Esse “distanciamento”, por certo, foi fonte de um conjunto de tensões, já que “[...] essa recusa à adesão direta à política enquanto mobilização e clivagens partidárias passou a ser objeto de uma das principais controvérsias e de crítica dos demais intelectuais [...]” (CORADINI, 2007, p.427).

O capital cultural adquirido por Erico vincula-se a sua condição de origem, de um lado, e ao produto do seu autodidatismo, de outro lado, esse último resultante da formação escolar interrompida devido às crises familiares e à necessidade de auxiliar no sustento da casa. O trabalho no comércio possibilitou, nos momentos de folga, que o futuro romancista fizesse variadas leituras e escrevesse seus primeiros textos atrás do balcão. Sua estreia literária se deu em 1928, quando um jornal de Cruz Alta publicou o conto *O Chico*. No mesmo ano, Manoelito de Ornellas⁶, seu amigo, boticário de Tupanciretá, enviou a Mansueto Bernardi, então diretor da *Revista do Globo*, os contos

⁶ A relação entre Erico Verissimo e Manoelito de Ornellas é reveladora da argumentação que viemos desenvolvendo até aqui. Não obstante a relação de amizade fundada em algumas afinidades vinculadas a condição de origem social comum e as possibilidades de mobilização do capital social, notáveis são as diferenças quanto à avaliação de uma questão decisiva para a época: o regionalismo. Enquanto Manoelito de Ornellas inscreve sua produção literária e pesquisa cultural na corrente das produções “regionalistas” que se produziam à época, Erico não deixa de manifestar seu distanciamento e avaliação diversa a esses interesses culturais. Em correspondência com Ornellas na década de 1920, Erico dá mostras de seu reconhecimento da força da influência dos EUA, que subverte costumes e culturas: “Nas lavouras o trator substitui o tradicional arado puxado por bois românticos [...] e trouxas [...]. O nosso campeiro se americaniza [...] pelo menos nas vestes. Influência de Tom Mix através do cinema a tradição morre” (MANOLBOO17 apud BRAGA, 2006, p.28).

Ladrão de gado e *A tragédia de um homem gordo*, os quais foram publicados. A gênese de tal publicação assim é narrada por Erico:

Manoelito de Ornellas, falso boticário em Tupanciretã como eu em Cruz Alta, já havia publicado um livro de poesia, *Rodeio de Estrelas*. Costumava visitar-me, para ler seus versos. Um dia descobriu, no fundo duma gaveta de minha casa, um conto que eu havia escrito secretamente – *Ladrão de gado* – e mandou-o com recomendações a Mansueto Bernardi, que o publicou na sua *Revista do Globo*. Isso me encorajou tanto que remeti a minha próxima história ao Suplemento Literário do *Correio do Povo*. Seu diretor, De Souza Junior, olhou os originais (contou-me ele próprio, cinco anos mais tarde), viu minha assinatura e murmurou: “O conto pode não prestar, mas o nome do autor é bonito e merece ser divulgado”. E mandou a estória para a oficina do jornal, sem a ler (VERISSIMO, 2011, p.22, grifo nosso).

No episódio, Manoelito de Ornellas, que à época já havia publicado um livro, empresta, por assim dizer, sua autoridade de autor com algum grau de reconhecimento ao dar a indicação autorizada à publicação do texto do amigo obscuro. A publicação foi preparando o terreno para o futuro ingresso de Erico na carreira intelectual. Outro episódio relevante na revelação das possibilidades associadas ao círculo de sociabilidade de Erico é o encontro, numa de suas idas à Porto Alegre, com seu amigo de infância, Ruy Cirne Lima:

Ruy Cirne Lima, que quando menino às vezes passava em Cruz Alta as suas férias de verão. Homem de inteligência privilegiada e de sólida cultura humanista, era professor de direito e, havia poucos anos, publicara um livro de poesia. Para minha surpresa, Ruy me reconheceu [...]. Era eu que publicava contos nos suplemento do *Correio*? Sim, era, desculpem... Ruy, generosamente, me estimulava, levou-me a Mansueto, que se lembrou de meu *Ladrão de Gado* (VERISSIMO, 2011, p.24; grifo nosso).

No final do ano de 1930, com a falência da farmácia, Erico transfere-se para Porto Alegre em busca de oportunidade de emprego. Após algumas tentativas mal sucedidas, resigna-se à ideia de tornar-se empregado público. Contudo, não obstante a relativa evidência lograda com as publicações, o dublê de boticário vê frustradas suas esperanças de se abrigar na proteção do Estado – negativa relacionada à conjuntura de relativo inflacionamento de diplomas de curso superior⁷ –, requisito doravante exigido para os postulantes a postos públicos:

⁷ Sobre a desvalorização de títulos acadêmicos, consultar Miceli (1979).

[...] como me tivessem informado de que havia uma vaga na Secretaria do Interior, para lá me atirei. Fui levado à presença de Moysés Vellinho (que naquele tempo fazia crítica literária sob o pseudônimo de Paulo Arinos). O chefe do gabinete de Oswald Aranha recebeu-me com grande cordialidade, e me declarou que havia lido com agrado vários contos meus – o que me surpreendeu, lisonjeou e animou [...]. Para encurtar o caso, não havia vaga na Secretaria (VERISSIMO, 2011, p.26).

Aliás, Vellinho representava a típica carreira de sucesso para um homem de pretensões intelectuais no Brasil do início da década de 1930. Ocupava importante cargo junto a um dos políticos de maior destaque no Estado e já se inserira no mundo intelectual, no grupo da Livraria do Globo (CORADINI, 2003), escrevendo crítica literária para os jornais mais importantes da capital. Como estratégia de inserção no “campo cultural”, no início de sua carreira, utilizou-se da polêmica para se destacar, ajustando sua mira contra o regionalismo de Alcides Maya, em 1925, sob o pseudônimo de Paulo Arinos. Chamou a atenção dos pares ao debater nas páginas do *Correio do Povo* com Rubens de Barcellos, reconhecido intelectual porto-alegrense que se alinhou na defesa da obra do insigne escritor.

Não tardaria, entretanto, que, nos caminhos cruzados das possibilidades de trajetórias intelectuais, Erico viesse a ingressar em cargo que marcaria em definitivo seu itinerário ulterior. Trata-se do seu acesso à *Revista do Globo*, que coincidiu com a debandada dos intelectuais que dispunham de capital social e político rumo ao poder central, acompanhando a ascensão de Vargas.

Aliada à rede de relações sociais, o fato de dispor, como lembra Miceli (1979, p.118-119) para o conjunto dos “romancistas de 30”, de um capital cultural amplamente diversificado, com conhecimento de língua estrangeira, ou seja, o fato de que “[...] haviam incorporado as disposições culturais de suas famílias em relação ao consumo de gêneros artísticos eruditos – a ópera, a música clássica, os grandes mestres da pintura”, predispunha Erico a realizar a contento as exigências inscritas das funções que viria a ocupar na Revista e Editora do Globo.

Além das disposições culturais adquiridas favoráveis à produção cultural, gradativo foi o ajustamento de Erico às exigências que fazia a crítica literária quanto ao tipo de literatura legítima que deveria ser produzida naquela altura. Assim chama a atenção a variação de gêneros e diferenciação da recepção de seus primeiros escritos. Erico Verissimo, por meio da seção Editora da Livraria do Globo, publica, em 1932, seu primeiro livro, *Fantoches*, uma coletânea de contos. Sua estreia é alvo de pesadas críticas. Maria Conceição Nunes de Dornelles (2004) assinala que uma das acusações do crítico Sérgio de Gouveia, ao escrever sobre *Fantoches*, foi de Erico pertencer às “panelinhas de camaradagens”:

Sob o título “O Sr. Erico Verissimo e seu primeiro livro”, escrito como matéria especial para o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, Sérgio de Gouveia inicia seu texto

dizendo que não tinha a intenção de escrever sobre Fantoches, mas o faz para quebrar a corrente elogiosa que permeia a “política literária”, da qual acredita ser Erico Verissimo produto genuíno. Segundo ele, Erico provém desse círculo em que uns elogiam aos outros, formando o que se chama de “panelinhas de camaradagem” (DORNELLES, 2004, p.16).

Alguns dias depois, no mesmo periódico de Porto Alegre, Augusto Meyer pronuncia-se sobre *Fantoches* também de forma desfavorável a Erico, afirmando o talento do escritor, porém considerando o livro um mero exercício literário⁸ (DORNELLES, 2004). Com a publicação de *Clarissa*, em 1933 e de *Caminhos cruzados*, em 1935, Erico recebe críticas bem mais favoráveis, inclusive do próprio Sérgio de Gouveia, que reconheceu ter se precipitado quanto ao julgamento que fez do escritor.

O romance *Caminhos cruzados* é abraçado pela crítica, tornando-se objeto de análise de Dante Costa, no periódico *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro. Em seu artigo, o crítico, além de considerar *Caminhos cruzados* um dos grandes romances do ano, aponta Erico Verissimo como expressão genuína do movimento modernista brasileiro (DORNELLES, 2004). Tradicionalmente associado apenas às cidades do Rio de Janeiro e à São Paulo, o movimento modernista, para Dante Costa, alargou suas fronteiras, influenciando escritores de outros estados.

Manoelito de Ornellas, em obra intitulada *Vozes de Ariel*, publicada em 1939, pela Editora Globo, consagra um de seus capítulos à avaliação da obra de Erico. Para o crítico, enquanto a literatura do Rio Grande do Sul se encontrava estagnada e voltada para o regionalismo desatualizado, a literatura de Erico era capaz de expressar temáticas universais, contribuindo para a renovação literária do país (DORNELLES, 2004). Estes e outros comentários evidenciam a progressiva atualização de Erico em relação às problemáticas decisivas do tempo.

Considerações finais

No exame do trajeto social de dois dos escritores-chaves associados ao romance do decênio de 30, observa-se a complexidade de fatores que viabilizaram as estratégias de substituição de atividade. Num quadro de transformações do mercado de produção de livros, expandiram-se simultaneamente as necessidades das editoras por produtores culturais que correspondessem às novas demandas de bens culturais. Quanto ao perfil de tal procura, destacara-se a literatura de ficção, o que acabou por firmar o romance

⁸ No juízo de Augusto Meyer (apud DORNELLES, 2004, p.25) se evidenciam os critérios de avaliação literária legitimada naquela conjuntura, marcados por uma orientação objetivista: “[...] ainda está apegado ao seu solilóquio de autor [...] e não conquistou o sentido concreto, o poder objetivo, a força alucinada que obriga a gente a pensar diante de uma simples página impressa: isso vive”.

na hierarquia dos gêneros literários. Das injunções que incidiram sobre a valorização do romance característico desse período encontram-se aquelas desencadeadas pelo processo revolucionário de 1930. Ou seja, à mudança de correlação de forças no plano político, com a ascensão da aliança liberal encabeçada por Vargas, correspondera uma alteração nas relações de forças no plano cultural, o que se atesta pela ampliação de temas, configurações sociais e personagens retratados nos romances.

A impossibilidade de manutenção em suas posições sociais de origem marca o destino social de Erico Verissimo e José Lins do Rego. O primeiro, em decorrência da dilapidação material de sua família e das vicissitudes com que passava o grupo familiar como um todo, acabara por distanciar-se no modo de apreensão de seu meio de origem. Contudo, é dessas mesmas condições sociais de origem que adveio os recursos sociais e culturais para o escritor gaúcho ingressar nos novos postos de produção cultural. O segundo, em virtude da perda de sua mãe e de seu encaminhamento aos cuidados dos avós maternos, de um lado, e de seu desligamento necessário de seu ambiente familiar do engenho, encontra nestas experiências algumas das determinações fundamentais que o orientariam rumo à carreira literária. Em ambos, verifica-se que condensam no espaço ficcional de seus romances a ambiguidade de suas trajetórias, realizando em alguns de seus personagens alter egos as potencialidades objetivas das quais conseguiram se livrar.

Em suma, para ambos os escritores o romance consistiu em fundamental instrumento de suas estratégias de reconversão para outra atividade, o que lhes possibilitou que se apropriassem em chave simbólica dos dramas vivenciados por seus ascendentes familiares e de seus próprios dramas pessoais.

COSTA, Fabricio Santos da. Erico Verissimo and José Lins do Rego: social history of storytellers of stories natos. **Revista de Letras**, São Paulo, v.53, n.1, p.83-100, jan./jun. 2013.

- **ABSTRACT:** *This paper presents the results of the research on the compared social trajectories of the writers José Lins do Rego and Erico Verissimo. With similar social profiles regarding the oligarchic origin, the novelists approach the same way due to the threat of decline of their social positions, as a result of the historical transformations from social structure as a whole. This resulted in different strategies of conversion to other professional activities. Contributed to the success of such conversions a combination of transformations in political and cultural spheres, on one hand, and the possession of social and cultural resources that enabled the transformation of their autobiographical memories in literary material, on the other hand.*
- **KEYWORDS:** *Social trajectory. Novelists. Conversion.*

Referências

- AZEVEDO, F. de. **Figuras de meu convívio**: retratos de família e de mestres educadores. 2.ed. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1973.
- BRAGA, M. A. A correspondência entre Erico Verissimo e Manoelito de Ornellas. In: ALVES, J. de L. A. (Org.). **Erico Verissimo**: provinciano e universal. Canoas: Ed. da Ulbra, 2006.
- CANDIDO, A. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CORADINI, O. As missões da cultura e da política: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul: 1920-1960. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.32, p.125-144, 2003.
- _____. Regionalismo, positivismo e comunitarismo orgânico nos confrontos de elites culturais e políticas no RS: 1920-1960. In: TRINDADE, H. H. C. de. (Org.). **O positivismo**: teoria e prática. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007. p.420-439.
- DORNELLES, M. C. **Rumo ao sol**: a fortuna crítica sobre Erico Verissimo: 1930-1949. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- FAUSTO, B. **A revolução de 30 no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- GARCIA JR, A. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. **Antropolítica**, Niterói, n.30, p.21-47, 2011.
- JACKSON, L. C. A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.16. n.47, p.127-140, 2001.
- MICELI, S. **Poder, sexo e letras na República Velha**: estudo clínico dos anatolianos. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**: 1920-1945. São Paulo: DIFEL, 1979.
- _____. **Imagens negociadas**: retratos da elite brasileira 1920-1940. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- SORÁ, G. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2010.

TRINDADE, H. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

VERISSIMO, E. **Um certo Henrique Bertaso**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WATT, I. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.